



CANGAÇO E CANGACEIROS

**EXTRAÍDO DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS/RJ
TEXTO DE LUIZ LUNA**

ANTÔNIO CORRÊA SOBRINHO

APRESENTAÇÃO

EM 1953, o brasileiro e o mundo assistiam ao laureado filme *O Cangaceiro*, de Lima Barreto, e, no teatro, ao drama *Lampião*, da romancista cearense Rachel de Queiroz, onda de exaltação ao cangaço que o pernambucano radicado no Rio de Janeiro, jornalista, advogado, historiador, pesquisador e escritor Luiz Luna, no jornal carioca *Diário de Notícias*, bem surfou ao deleitar seus leitores, com o interessante ensaio "CANGAÇO E CANGACEIROS", publicado em abril e maio daquele ano.

Embora, nas últimas linhas deste seu trabalho, Luna considere tal apenas "um ligeiro relato da vida do mais temível e perigoso cangaceiro dos sertões nordestinos", em que fundamenta toda a sua narrativa na obra do major Optato Gueiros, um dos notáveis no combate ao banditismo no Nordeste nos anos de 1920 e 30 – *Lampião, Memória de um oficial ex-comandante das Forças Volantes*, a quem, em agradecimento, no próprio "Cangaço e Cangaceiros", enaltece o honrado militar e o seu livro acima mencionado. Como eu dizia, malgrado sejam os cinco capítulos deste texto agora apresentado, de veras, um ligeiro relato de coisas do passado, a sua leitura revela que, na verdade, ao lado das fascinantes descrições de versões e lendas do cangaço, caminham lado a lado, pela estrada dos sentidos, análise e crítica social, o que o torna mais rico, convidativo, portanto.

Quanto ao seu autor, Luiz Pessoa de Luna, dizer, ainda, que ele, no Recife, como jornalista, trabalhou no *Jornal do Commercio*, *Folha da Manhã* e *Diário da Manhã*. No Rio de Janeiro, atuou na *Folha Carioca* e, por muitos anos, no *Diário de Notícias*. É autor de *Ascenso Ferreira – Menestrel do Povo*, *Lampião e seus Cabras*, *O Cego Ventania e outras Histórias*, *O Negro na Luta contra a Escravidão*, *Resistência do Índio à Dominação do Brasil*, *Coronel dono do Mundo*. Pelo *Lampião e seus Cabras*, recebeu o prêmio Joaquim Nabuco, da Academia Brasileira de Letras. Luiz Luna foi membro da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Nascido em Recife, em 22 de agosto de 1915, faleceu no Rio de Janeiro, em 23 de março de 1997.

Aracaju, 28 de julho de 2019 – 81º ano de Angicos.

Antonio Corrêa Sobrinho

CANGAÇO E CANGACEIROS (I)

UM JOVEM TRABALHADOR TORNA-SE "LAMPIÃO, REI DO CANGAÇO"

ASPEREZA DA VIDA NA CAATINGA – SINGULARIDADES DO BANDITISMO NOS SERTÕES NORDESTINOS – SEGREDOS E REVELAÇÕES – DE UMA VIDA INICIADA HONESTAMENTE, TORNOU-SE VIRGULINO FERREIRA O MAIS FAMOSO CANGACEIRO DE TODOS OS TEMPOS

LAMPIÃO, CORISCO, MARIA BONITA, GETÚLIO VARGAS, ASSIS CHATEAUBRIAND E SÃO FRANCISCO DE ASSIS – O AMBIENTE FORMANDO CARÁTERES – A PREPOTÊNCIA DO "CORONEL" NUMA TERRA SEM LEI, SEM ESTRADAS E SEM ESCOLAS

A vida de Optato Gueiros, que encontrei aqui, numa dessas tardes de calor, suando sob sua farda cáqui de major da Brigada Militar de Pernambuco, é um complemento da história dos sertões nordestinos. A melhor fase de sua mocidade passou nas volantes do governo, durante vinte anos consecutivos, de 1919 a 1939, época em que o cangaço atingiu sua força máxima, fez-se respeitado e temido, através da atuação desconcertante de Virgulino Ferreira da Silva, um caboclo de Vila Bela, desajustado e, sobretudo injustiçado, a quem as condições negativas do ambiente deram o arriscado e perigoso título de "Rei do Cangaço".

Esse major Optato, de fala mansa e arrastada, desconfiado como um silvícola, arisco como uma perdiz e valente como uma onça pintada, envelheceu nas caatingas, perseguindo bandoleiros e fanáticos, expondo a vida, nas mesmas condições de Lampião, Luís Pedro, Corisco e Ventania. Não havia, de fato, diferença entre a vida, os costumes e os próprios fatores que arrastavam à luta cangaceiros e soldados. Era gente da mesma argila, fabricada com a mesma matéria prima, homens da mesma região, com todos os defeitos e virtudes do meio. Separavam-se, tornavam-se inimigos irreconciliáveis por divergências idênticas. De um lado, por circunstâncias alheias à sua própria vontade, estavam os acobertados pela lei e pela legalidade, transformados em soldados de polícia, funcionários armados pelo governo. O seu trabalho era matar cangaceiros, perseguir coiteiros, invadir fazendas e vilas. Do outro lado, formavam os contingentes irregulares, os chamamos bandoleiros que, em consequência da sua própria situação econômica e social, não se puderam "legalizar", não tiveram oportunidade de se tornar soldados de polícia. O seu trabalho, porém, era, paralelamente, igual ao das volantes, isto é, matar, invadir vilas e perseguir os que auxiliavam "os seus adversários. Vestiam as mesmas roupas, usavam as mesmas alpercatas e o mesmo chapéu de couro, carabinas e balas de marca e calibre iguais eram empregadas por soldados e cangaceiros nas suas façanhas pelas caatingas do Nordeste. E mais ainda, estavam animados pelo mesmo ódio; impulsionados pelas mesmas paixões e separados pelas mesmas questões, pois o fenômeno cangaceiro e o fenômeno volante sugiram nas caatingas gerados por fatores sociais e econômicos análogos.

TUDO NASCE DO PRÓPRIO AMBIENTE E DAS SITUAÇÕES CRIADAS

Ninguém nasce Lampião, Corisco ou Maria Bonita, como ninguém nasce Getúlio Vargas, Assis Chateaubriand ou São Francisco de Assis (perdoa-me meu santo, pela má companhia). Tudo se origina e se desenvolve de acordo com as condições do próprio ambiente, em proporção de circunstâncias boas ou más que criam as situações. Lampião mesmo, que morreu tragicamente numa fazenda, em Sergipe, que teve, como muitos companheiros de infortúnio, a cabeça separada do tronco pelo facão

afiado do tenente José Bezerra e exposta em festas nas capitais nordestinas, poderia ser hoje coronel de Brigada Militar de Alagoas ou de Pernambuco, como o são José Lucina e Manuel Neto, homens da mesma região sertaneja, de coragem e paixões idênticas da suas, mas que tiveram a oportunidade de se constituírem inimigos de morte de Lampião e, assim, encontraram na polícia o instrumento ideal para extrair o seu ódio e sua vingança contra o adversário comum.

Isso concluímos através das longas palestras que tivemos com major Optato Gueiros e após a leitura do seu livro *Lampião – Memórias de um oficial ex-comandante das forças volantes*.

Tanto no livro, cuja segunda edição será publicada brevemente por uma editora de São Paulo, como, com mais detalhes e colorido, nas conversas, Optato conta as razões que levaram Virgulino Ferreira da Silva, um pacato almocreve de Serra Vermelha, em Vila Bela, no sertão pernambucano, à vida errante e agitada do cangaço.

COMEÇO DESTRUTIVO

– Dentre as causas propulsoras da evolução do banditismo – confessa ao repórter o major Optato Gueiros – não resta a menor dúvida, que figura em primeiro plano a injustiça. Cada cangaceiro teve os seus amargos motivos de se achar fora da lei, tornando-se, destarte, executores de sinistras empreitadas, à disposição de quem primeiro os assalariasse.

Lampião, como não poderia deixar de ser, foi também vítima dessas injustiças. Não nasceu cangaceiro, porque ninguém nasce cangaceiro, mas se tornou o maior terror das caatingas, para uns, e o maior amigo e protetor, para outros, pelo natural desenvolvimento das injustiças que recebeu. O major Optato Gueiros, que o perseguiu durante duas décadas e conhece os sertões como a palma de sua mão, conta a sua história em grande parte por nós, homem nascido e criado no Nordeste, também conhecida.

Virgulino teve a infância comum dos meninos sertanejos. Destacou-se, porém, pela sua inteligência privilegiada e pelo acentuado senso de oportunidade. Na época, em toda a zona do Pajeú, havia dois professores, Justino Nenéu e Domingos Soriano, que ensinavam particularmente, mediante pequena remuneração. Com um desses professores, Virgulino apreendeu a ler e a escrever, com espantosa facilidade. Criado pela avó, dona Jacosa e pelo tio Manoel Lopes, homem pacato e trabalhador, cedo Virgulino Ferreira da Silva demonstrou a vivacidade de sua inteligência. Conta o major Optato um episódio da infância do futuro bandoleiro nordestino. Manuel Lopes, notando a capacidade do sobrinho, perguntou-lhe um dia:

– Queres ir para escola, pra aprender a ler e ser doutor?

– Quero, respondeu o futuro Lampião. Mas não para ser doutor. Quero ser vaqueiro.

E foi realmente, na sua adolescência, o maior vaqueiro do Pajeú. Começou amansando carneiro para, depois, dominar os poltros bravos da região, com uma perícia nunca vista em experimentados vaqueiros. Tendo nascido em meados do ano de 1900, na fazenda Ingazeira, na Serra Vermelha, município de Vila Bela, hoje Serra Talhada, no estado de Pernambuco, terra onde também vieram ao mundo o falecido governador Agamenon Magalhães e o cônego Olímpio de Melo, aos 16 anos de idade Virgulino Ferreira da Silva era um consumado vaqueiro, como diz o major Optato Gueiros: “amansava burros, jumentos e, nesses misteres, conquistou fama”.

Aos 17 anos, segundo as notícias que ouvimos no sertão, agora, confirmadas pelo depoimento insuspeito do major Optato, Lampião trabalhava em todas as obras de couro. Fazia selas, perneiras, gibões, alforjes, etc.. Era músico, tocando com habi-

lidade harmônica de oito baixos. Confeccionava bonitos bornais e tudo negociava nas feiras de Nazaré, Vila Bela, Flores e Triunfo, em Vila Bela. Fazia-se acompanhar dos irmãos e do pai, que também negociavam com cereais. Depois tornou-se almocreve, conduzindo animais carregados de gêneros para vender nas feiras dos povoados.

AS VELHAS INTRIGAS DO SERTÃO

Como se vê, Virgulino Ferreira da Silva não teve um princípio mau. Pelo contrário, começou construindo, amansando animais, treinando-os para o serviço normal da fazenda. Confeccionava artefatos de couro. Era um homem hábil e ao mesmo tempo valente e decidido, mas acontece que o sertão era, como ainda hoje, em grande parte, a terra sem lei e sem governo, dominada pelos "coronéis", chefes políticos, amigos e protegidos dos governadores fabricantes de votos, fazedores de deputados e senadores que, por isso mesmo, enfeixavam nas mãos todos os poderes. O "coronel" era o juiz, o prefeito, o padre e o delegado. Sob o calcanhar de sua bota, rudimentar, o sertão vivia, sem estradas, sem escolas e sem justiça. "Para os amigos tudo, para os inimigos, a lei". E a lei eram o bacamarte, as emboscadas, as surras e as perseguições de toda a sorte.

Virgulino Ferreira da Silva nasceu e cresceu nesse ambiente. Ao tempo da sua adolescência, vários grupos de cangaceiros infestavam as caatingas. Casemiro Honório, Né Pereira, Antônio Quelé e outros menos importantes seriam os senhores do cutelo e do baração na zona do Navio e do Pajeú, a região onde o cangaço mais se desenvolveu.

As façanhas desses grupos desajustados não deixavam de influir na formação da juventude, como hoje, nas próprias capitais, influem as façanhas do cinema norte-americano e das histórias em quadrinhos. Como é público e notório nos sertões, e o major Optato confirma nas palestras que manteve com o repórter. Lampião, entre 9 e 12 anos, tinha como brinquedos infantis a disputa entre grupos de meninos, armados de bodoque e usando o mesmo envolvimento e os mesmos recursos táticos dos cangaceiros de Antônio Quelé, Né Pereira e Casemiro Honório. A semente estava, portanto, plantada. Bastava uma simples chuva para fazê-la brotar. Essa chuva caiu quando Virgulino Ferreira mal entrava na adolescência, aos 17 anos de idade, através de uma "intriga", comum no sertão, que teve, num baile, com José Saturnino, seu companheiro de infância. Nessa ocasião Virgulino comprou a sua primeira arma, "uma pistola" comblain, segundo informa o major Optato, que adicionou da melhor forma possível a uma bem-acabada cartucheira por ele próprio confeccionada. Deu-lhe um aspecto mais belicoso quando à pistola juntou uma faca, dois bornais e um chapéu de couro bem quebrado.

De vaqueiro, estava Virgulino feito cangaceiro e iria iniciar a sua vida acidentada, que passaremos a abordar em próximas reportagens, juntamente com a atuação do major Optato Gueiros e de outros oficiais que comandaram as Forças Volantes nos sertões nordestinos.

CANGAÇO E CANGACEIROS (II)

TROCOU O LAÇO DE VAQUEIRO PELO GATILHO DO "PAPO AMARELO"

BRINCADEIRA DE MENINO FAZ DE UM HÁBIL VAQUEIRO O MAIOR TERROR DAS CAA-
TINGAS – INTRIGAS ENTRE FAMÍLIAS, ANTES UNIDAS, GERARAM SOLDADOS E CAN-
GACEIROS

UM SIMPLES NAMORO CONTRARIADO ENSANGUENTA A FAZENDA SÃO GONÇALO –
VIOLÊNCIA PRATICADA CONTRA O PAI DE LAMPIÃO – COMO VIRGULINO FERREIRA
ENTROU NO CANGAÇO

A Quizília entre Virgulino Ferreira da Silva e José Saturnino, companheiros de infância, culminou num baile, mas teve as suas origens em fatos corriqueiros, mera brincadeira de menino, que ninguém poderia imaginar se convertesse em tão cruel inimizade. Saturnino pertencia à família dos Nogueira e Virgulino à dos Ferreira, que se davam muito bem, como vizinhos e amigos. Os jovens Ferreira, Virgulino, Levino e Antônio, especialmente o primeiro, o mais vivo e sagaz de todos, se divertiam em cortar a cauda dos animais dos Nogueira, tirando-lhes ainda o chocalho, o que os Nogueira consideraram uma desmoralização para a família. Quando Saturnino e sua gente souberam que eram os irmãos Ferreira os autores da brincadeira, passaram a hostilizá-los, até que, numa noite, no tal baile, foram às vias de fato. Virgulino comprou sua primeira arma e tanto os Ferreira como os Nogueira se tornaram inimigos irreconciliáveis. Seguiu-se uma série de escaramuças, segundo nos contou o major Optato Gueiros. Levino e Antônio Ferreira saíram feridos e os Nogueira, mais numerosos e, além disso, apoiados pelo governo, terminaram expulsando o pai de Lampião e seus irmãos da fazenda Ingazeira, onde viviam, para uma localidade próxima à vila de Nazaré.

O CANGACEIRO

Data daí, meados de 1917, o ingresso de Virgulino Ferreira da Silva e dos seus irmãos na vida do cangaço. A princípio, o grupo era dirigido por Antônio, o irmão mais velho. O único objetivo era liquidar a família Nogueira. Virgulino, cedo, revelou excepcionais qualidades de guerrilheiro. Tinha sentido prático nos momentos de ataque e de retirada, traçava planos que sempre davam certo, e quando Antônio não os seguia, geralmente se saía mal. Nessas condições, foi Virgulino elevado ao comando do grupo, passando o seu irmão Antônio à condição de subalterno.

No exercício das funções de chefe, segundo o testemunho do major Optato Gueiros, teria afirmado Virgulino:

– No dia em que eu acabar com os Nogueira ou expulsá-los da Serra Vermelha, como eles o fizeram com meu pai, já poderia morrer, mas se antes disso uma bala doida me pegar, "vou", mas muito aperreado e com o coração preto. Estou aguardando uma oportunidade que se me permita fazer o "serviço", uma só vez, sem ser preciso voltar para completar a obra.

GRUPOS PARALELOS

Nessa época, vários grupos armados infestavam os sertões, desde o Pajeú ao Navio. Destacavam-se, de um lado, os Pereira, comandados por Sebastião, brigando

com os Carvalho, por questões, ao que parece, de terra; do outro, Antônio Matilde e Antônio Pereira dos Santos, cabras de Casemiro Honório, do Navio, lutando contra José de Souza, por causa de uma moça, namorada desse jovem. O episódio é contado pelo major Optato, com os seguintes detalhes:

– Antonio Matilde e Antônio Pereira da Silva juntaram-se com o grupo de Virgulino e cercaram José de Souza, na fazenda São Gonçalo. Zé de Souza resistiu sete dias e os atacantes terminaram se retirando. A moça era filha de Casemiro e, depois do combate, foi raptada por José de Souza, que a depositou na fazenda do coronel Antônio Pereira, da Pitombeira. Houve nove combates e Casemiro conseguiu se apoderar da filha. José de Souza voltou à carga, sendo derrotado, mas o choque foi tão violento, que, depois de serenado, Casemiro, diante da bravura do genro frustrado, declarou aos amigos:

– Se eu soubesse que o cabra era tão bom na espingarda, teria dado a menina. Meus netos seriam de muito boa raça.

CHEFE ABSOLUTO DO CANGAÇO

Depois desses sangrentos episódios, Antônio Matilde foi morar na Serra Vermelha e ali se casou com uma prima de Virgulino. Por isso levou uma surra de José Saturnino, que não perdoava o amigo de infância. Matilde juntou-se novamente a Virgulino e organizaram um ataque contra José Saturnino. Veio Casemiro, do Navio, em socorro deste, que era seu sobrinho. Desencadeou-se, então, a luta de vida e de morte, entre os mais potentes chefes do cangaço. Virgulino, mais inteligente, usou de melhor tática e venceu a todos, tornando-se, daí por diante, o senhor absoluto do cangaço nos sertões nordestinos.

“A luta foi tão violenta – informa o major Optato Gueiros – que os Nogueira ficaram quase de esmola, com prejuízo total de gado e de propriedade. Apesar da pouca idade, a tática, bravura, inteligência, contumácia e a resistência física invejável de que era portador Virgulino Ferreira da Silva, tornaram-no famoso e temido, atraindo para o seu comando todos os cangaceiros dos sertões nordestinos”.

LEI DO RIFLE E DO PUNHAL

Antes, porém, de constituir o seu bando errante, perseguido por todos os lados pelas polícias dos estados nordestinos, Virgulino Ferreira da Silva tinha as suas escaramuças com os inimigos, coisa comum, naquela época, nas caatingas, mas não era ainda considerado homem fora da lei, mesmo porque a lei no sertão era ditada pelo mais forte, isto é, pela boca do rifle e pela lâmina do punhal.

Expulsa de Serra Vermelha por José Saturnino e seus cabras, a família Ferreira passou a residir nas imediações da Vila de Nazaré, região originariamente habitada por três famílias: Gomes Jurubeba, Ferraz e Nogueira. Os Ferreira incompatibilizaram-se com todas as três. A família Ferraz tinha o apelido de Flor e dos seus membros os que mais se destacavam eram Euclides Flor, Manuel Flor e Odilon Flor. Todos, posteriormente, assentaram praça na Brigada Militar de Pernambuco para combater Virgulino.

Manuel Flor, velho amigo deste repórter e seu companheiro de pensão no Recife, é hoje capitão ou major da polícia pernambucana. Um dos homens mais honestos e valentes que conhecemos, inteligente e conhecedor profundo dos problemas do sertão, manteve conosco longas palestras sobre as origens e as causas do desenvolvimento do cangaço naquela região. Entrou na polícia, como os seus irmãos e demais parentes, doze dos quais perderam a vida em combate contra Lampião, levado unica-

mente pela inimizade que o separava do “Rei do Cangaco”, desde os seus tempos de adolescente.

Se a situação fosse inversa, isto é, se Lampião, em vez de chefe de cangaceiros, fosse comandante de volantes, não tenhamos dúvidas de que Manuel Flor formaria no grupo dos cangaceiros, impulsionado apenas pelo ódio que alimentava e pelo desejo que tinha de exterminar o seu inimigo. Ele, seus irmãos e demais parentes não escolheriam meios desde que os conduzissem ao fim planejado, que era o extermínio total do seu inimigo de vida e de morte. Como Virgulino estava do outro lado, constituído chefe de bando irregular, transformado em bandoleiro, os componentes da família Flor, de vila de Nazaré, município de Serra Talhada, se tornaram soldados da legalidade para persegui-lo e conseguir a oportunidade desejada, que era a sua liquidação.

Assim, assentaram praça e são hoje heróis da luta contra o banditismo nas caatingas. De Lampião, que se tornou bandido pelos mesmos motivos que levaram os seus inimigos à condição de heróis, resta, hoje, apenas, uma cabeça disforme, exposta à curiosidade pública, numa das dependências do Instituto Nina Rodrigues, na capital da Bahia. Poderia ser também capitão ou coronel de polícia, como o são atualmente, Manuel Flor, Jose Lucena e Manuel Neto, e se as condições econômicas e sociais de sua família tivessem lhe proporcionado a oportunidade do apoio armado do governo constituído para combater os seus inimigos, que antes foram seus amigos e se separaram por questões de terra ou de família.

TODOS SE ENTENDIAM

No seu testemunho insuspeito, conta o major Optato Gueiros o entendimento que havia entre as famílias Gomes Jurubeba, Ferraz, Nogueira e Ferreira, que depois, unidas as três primeiras, se constituíram em ferrenhos inimigos da última. Entendiam-se tão bem que o próprio Davi Jurubeba transformou-se numa espécie de “DLP” de Virgulino, a espalhar pelas caatingas as suas excepcionais qualidades de vaqueiro. Era David Jurubeba, apoiado pelos seus parentes Ferraz e Nogueira, que se encarregava da publicidade do jovem vaqueiro do Pajeú:

“Montar, só Virgulino; derrubar boi no mato, só sendo parente de Virgulino”.

Ele próprio era dono de uma égua que ninguém, até então, havia conseguido adestrá-la. Um dia, Virgulino Ferreira da Silva apareceu na fazenda e Gomes Jurubeba, num desafio, menos do que um convite, na certeza do sucesso, dirigiu-se ao futuro Lampião:

– Olha, Virgulino, eu quero ver se você é bom mesmo se montar na besta rodada.

– Lampião respondeu:

– Homem, eu já “vi” falar nessa valentona e queria conhecê-la de perto. Já tenho “amontado” bicho de cangote grosso; burro de quatro anos; cavalo de segunda muda e, se eu cair dessa besta, nunca mais venho fazer feira aqui, pra vocês não mangarem de mim.

Disse e a montou. Optato relata assim o episódio:

“Montou o rapaz na égua, munido de um terrível par de esporas e uma chibatinha na mão. A besta ergue-se como um verdadeiro gato, em pulos espetaculares, enquanto os espectadores freem num alarido tremendo, que mais excitava a fúria do animal. Moitas de alastrado e de quipá, foram transpostas em verdadeiros voos. Virgulino, a cada pulo da égua, cravava-lhe nas ilhargas as rosetas das esporas e, numa gabolice faceira, rodava entre os dedos a chibatinha que, parece, lhe servia de baliza. Depois de meia hora de esforços inúteis para lançar fora o cavaleiro, a égua abateu-se no ânimo, de modo tal que abaixou a cabeça e, molhada de suor, relinchou:

– Estou acostumado a montar em cavalos e burros machos, e amansá-los, quanto mais em tu, que é “feme”.

DO LAÇO AO “PAPO AMARELO”

Fácil foi a esse hábil vaqueiro trocar o laço pelo gatilho do “papo amarelo”. Depois que ele deixou os Nogueira na miséria, incompatibilizando-se com os Jurubeba e os Ferraz, passou um ano em trégua. Voltou à vida pacata de almocreve, tangendo animais, carregados de gêneros e artefatos de couro, por ele confeccionado, para as feiras do sertão. As intrigas, porém, se desenvolviam. Os “leva e traz” ainda hoje tão comuns, não só nos sertões como nas próprias capitais, prepararam o ambiente. Um dia Lampião zangou-se, fez-se nas armas e à frente dos irmãos e dos parentes, entrou em Nazaré de supetão. Acabou com um baile e quebrou a harmônica. O tempo fechou-se.

Conforme conta Optato Gueiros, houve uma conspiração entre Euclides Flor, Pedro Gomes, Manuel Flor, David Jurubeba e Odilon Flor, todos ligados por laços de sangue, para liquidar os Ferreira e seu pessoal. Mas o velho João Flor, chefe de família, opôs-se ao plano, que poderia redundar numa chacina, com o sacrifício de mulheres e crianças.

Aconteceu, porém, que no casamento de Enoque Meneses com uma sobrinha de Virgulino, este foi à vila de Nazaré assistir ao ato. Informa o major Optato que uma força volante, comandada pelo sargento Alencar, surgiu num dos flancos da rua. Virgulino gritou:

– Lá vêm os “macacos” (nome dado pelos sertanejos aos soldados de polícia). Lampião e seu grupo distribuíram-se pelos arredores e fizeram fogo, ao mesmo tempo que comiam e bebiam.

Euclides Flor, Manuel Flor, Pedro Gomes e David Jurubeba, juntaram-se à volante do sargento Alencar e o tempo esquentou. Desse dia em diante, Lampião declarou guerra de morte ao povo de Nazaré e iniciou definitivamente a sua vida no cangaço. Os jovens das famílias Flor, Jurubeba e Nogueira, alistaram-se na Brigada Militar de Pernambuco, por intermédio do coronel João Nunes, e as consequências disso contaremos nas reportagens seguintes.

CANGAÇO E CANGACEIROS (III)

ATRIBUÍA AO CORONEL LUCENA E JOSÉ SATURNINO A RESPONSABILIDADE DE SUA DESGRAÇA

LAMPIÃO APONTAVA O ATUAL PREFEITO ELEITO DE MACEIÓ COMO O AUTOR DA MORTE DO PAI E DA MÃE, QUE FALECEU AO TER CONHECIMENTO DO QUE HAVIA ACONTECIDO COM O MARIDO – UMA CONVERSA ENTRE O MAJOR OPTATO GUEIROS E VIRGULINO FERREIRA, NA CASA DA VELHA SINHÁ, EM VILA BELA, PROVOCA CURIOSAS REVELAÇÕES

ESTRAGOS CAUSADOS PELOS CANGACEIROS E PELOS VOLANTES NAS CAATINGAS DO NORDESTE – COMO SURTIU A ALCUNHA DE LAMPIÃO E OS PRIMEIROS CABRAS QUER O ACOMPANHARAM NAS SUAS FAÇANHAS – “FUI COMANDANTE DE FERAS”, CONFESSA O ANTIGO PERSEGUIDOR DE BANDOLEIROS

Depois dos sangrentos acontecimentos de Serra Vermelha, houve outro combate em Lampião e um grupo de sertanejos, chefiados por José Saturnino. Levino Ferreira foi ferido e houve baixas de ambos os lados. O velho José Ferreira, pai de Virgulino, resolveu, então, mudar-se, com todos os seus, para Mata Grande, no estado de Alagoas. Ali estava o então tenente José Lucena, na qualidade de delegado de polícia. Houve uma briga entre o pai de Lampião e uns vizinhos. Lucena interveio com a violência habitual na zona e o resultado foi a morte do velho José Ferreira. Ao ter conhecimento do que acontecera ao seu marido, a mãe de Lampião teve uma síncope e morreu, sendo ambos sepultados no mesmo dia, pelo sargento João Maurício. Referindo-se a esses fatos, Lampião declarou num encontro cordial que teve, anos depois, com o major Optato Gueiros:

– Eu hoje agradeço estar nesta vida aquele peste (José Saturnino) e ao tenente José Lucena. Desde esse dia (quando lhe mataram o pai e praticamente a própria mãe) botei na cabeça não abandonar mais a espingarda, enquanto não matasse o tenente Lucena, José Saturnino e mais meia dúzia de gente ruim. Se não conseguir morrerrei no cangaço.

Lampião não conseguiu totalmente realizar os seus intentos. É possível que haja morto mais de meia dúzia de gente ruim, mas o tenente José Lucena e José Saturnino estão aí vivos e poderosos. Lucena é, hoje, coronel da Força Pública de Alagoas, deputado estadual e, recentemente, foi eleito prefeito de Maceió para maior castigo do governador Arnon de Melo. José Saturnino assentou praça na polícia de Pernambuco para melhor combater Lampião e, ao que parece, é também oficial.

A história da more do velho Zé Ferreira é por nós bem conhecida e poderá ser confirmada através do testemunho do genro de um dos personagens, que é hoje funcionário da Câmara Municipal desta cidade. Zé Ferreira havia adquirido seis mulas, que depositou na fazenda do coronel Ulisses Luna, em Mata Grande, no estado de Alagoas. Esses muares foram, depois, comprados, ao pai de Lampião por Manuel Belo do Nascimento, morador em Bom Conselho da Raposa, em Pernambuco, que negociava, no sertão, com artefatos de couro e ali adquiria animais para revender de volta, em Bom Conselho. Os inimigos de Zé Ferreira espalharam que as mulas foram roubadas pelo velho. Isso importou, primeiro, na prisão de Manuel Belo, como receptor, e, segundo, no assassino de Zé Ferreira. Manuel Belo foi posto em liberdade por influência de José Luna, promotor em Palmeiras dos Índios e filho do coronel Ulisses, enquanto continuava de pé a acusação, contra o pai de Virgulino. Solto, Manuel Belo seguiu à procura de José Ferreira, a fim de reembolsar o dinheiro pago pelos animais,

que haviam sido apreendidos pela polícia e ainda chegou a tempo para assistir à ocorrência. Lucena que, à frente de uma volante fora prender o acusado, acabava de matá-lo e se retirava precipitadamente do local, em busca de outros membros da família Ferreira.

SUBSTITUIU SEBASTIÃO PEREIRA NA CHEFIA DO SEU BANDO

Entretanto o prestígio de Lampião, como chefe absoluto do cangaço, começou a subir, ali, por volta de 1922. Antes, ele andava com os seus cabras, fazia o seu "inferninho" separado, mas ainda não tinha arreventado nas caatingas como seu maior terror. Uma vez ou outra, reunia-se a alguns grupos, especialmente ao de Sebastião Pereira, mas sem as condições de chefe. O comandante era Sebastião, mais conhecido e respeitado como cangaceiro. Sebastião tinha ainda a seu favor a tradição da família. Era irmão de Luiz Padre, o famoso bandoleiro que, por muitos anos, abalou os sertões e que, de uma hora para outra, abandonou a espingarda e foi viver, no interior de Goiás, uma existência honesta e produtiva. Sebastião o substituiu na chefia do bando e, um ano depois, seguiu o mesmo destino do irmão. Lampião ficou só e absoluto. "Herdou" os cabras de Sebastião e continuou a sua vida acidentada e errante de cangaceiro.

Antes, porém, quando andava em companhia de Sebastião Pereira, teve oportunidade de se encontrar, uma noite, com Optato Gueiros, numa casa solitária, entre as fazendas Carnaúba e Pitombeira, no município de Vila Bela, em Pernambuco.

OS HÓSPEDES DE DONA SINHÁ

Foi no ano de 1921 e Optato era sargento da Polícia pernambucana, casado de novo, com uma moça do Pajeú, que contava apenas 14 anos de idade. Estava em companhia do marido quando se deu o encontro, mas tudo se passou pacatamente, pois cangaceiro também não é assim como se pensa. Matar, eles matam, roubar, eles roubam, mas esses "serviços" também têm o seu dia e a sua hora. Em companhia da mulher, um fuzil Máuser e uma centena de balas, o sargento Optato transportava-se de Bom Nome para Vila Bela. Quando anoiteceu, arranchou-se na casa da velha Sinhá, conhecida de todas as volantes e de todos os cangaceiros do sertão. Muitos dos quais vira meninos, brincando nas caatingas. Tarde da noite, bateram na porta. Abriram e era Sebastião Pereira, armado até os dentes, mancomunado com Lampião, seus irmãos Antônio e Levino, além de Luís Macário, um cabra perigoso, que morreria no ano seguinte, ali mesmo na fazenda Carnaúba, num combate travado com a força do capitão José Caetano, da Polícia de Pernambuco.

Quando Optato, enfiou o fuzil, foi o próprio Lampião, que advertiu:

– Seu moço, não se perturbe, nós somos cangaceiros, mas agora não bulimos com ninguém.

Entraram, beberam água, tomaram café, servido por dona Sinhá, e pela própria esposa de Optato. Conversaram muito, contaram histórias e, já ao raiar do sol, com um aperto de mão e trocas de votos de felicidades, os cangaceiros se retiraram, com a maior naturalidade deste mundo.

A princípio, Optato procurou ocultar a sua condição de militar, mas Sebastião Pereira, o surpreendeu com esta pergunta:

- Sargento Optato, para onde se dirige?
- Como sabe o senhor ser eu o sargento Optato?

E Sebastião explicou:

- Cangaceiro é invisível, só é visto quando quer, e vê todo o mundo sem ser

visto. Em casa de Antonio Vicente, em Bom Nome, nós tomamos café juntos. O senhor jogando sueca na sala e eu prosando na cozinha. Tenho sempre tido suas informações. Todos me dizem ser o senhor amigo da minha família.

UMA VIDA QUE MUDOU DE RUMO

Quem conhece a família Gueiros, em Pernambuco, de hábitos tão morigerados e tão alheia às aventuras, não pode conceber como Optato deu para essa vida de perseguir cangaceiros, anoitecendo num lugar para amanhecer em outro, arriscando-se a cada minuto, sem pouso certo e sem destino traçado. Os Gueiros de Pernambuco constituem uma família tradicionalmente religiosa.

São todos evangelistas, inclusive o próprio Optato. O velho Jerônimo, seu tio, pastor da igreja Presbiteriano do Recife, recentemente falecido, era escritor e professor de português, incapaz de matar uma mosca. Seu primo, Neemias, é professor de Direito, outros são advogados, médicos, comerciantes e agricultores. Optato, porém, é diferente, não herdou o comodismo da família. Assentou praça na Polícia e de soldado a major fez a sua vida nas caatingas, enfrentando todos os perigos na perseguição aos cangaceiros.

Não é natural dessa região hostil e adversa. Nasceu em Palmares, zona açucareira de Pernambuco, entre o verde dos canaviais, numa terra fértil e adocicada, tão diferente do solo adusto e agressivo das caatingas. Criou-se em Garanhuns, de clima ameno como Petrópolis e, rapazinho, emigrou para Belém do Pará, atraído pelo eldorado da borracha.

Foi intérprete de inglês, na polícia de Pernambuco, no começo da primeira guerra e, em 1919, estava no sertão do Pajeú, soldado da Brigada Militar do Estado, atrás de cangaceiro. A custa de bravura, integridade moral e conhecimentos, conseguiu todas as suas promoções, poucas aliás para as suas qualidades.

Outros, que não fizeram tanto e nem tão honrosamente cumpriram os seus deveres, são hoje coronéis, alguns ricos e poderosos, enquanto ele é apenas major reformado e major pobre, mas de cabeça em pé, posição que nem todos os que perseguiram cangaceiros podem conservar.

É conhecida no sertão a disciplina que Optato impunha aos seus soldados. Eram, na realidade, as volantes sob seu comando as que melhor se conduziam nas caatingas. Ainda hoje essa fama corre os sertões e nem os próprios inimigos poderão apontar um excesso praticado, conscientemente, pelo major Optato e seus soldados.

O OUTRO LADO

Entretanto, em muitos casos, as façanhas cometidas por algumas volantes que perseguiram os cangaceiros não são fatos que recomendam ninguém. Sabemos disso, inclusive por conhecer o assunto de perto. Muitas vezes, essas volantes foram mais bandidas, mais sanguinárias, mais terroristas que os próprios cangaceiros. Saquearam e incendiaram vilas e fazendas, mataram inocentes e rústicos sertanejos, com a ferocidade e os propósitos de requintados bandoleiros. Muitos fazendeiros, preferiam, com razão, a visita de Lampião à das volantes. Nós mesmos, na nossa rápida passagem como promotor de justiça no sertão, ouvimos isso da boca de diversas vítimas. Nesse sentido, há tenebrosas histórias de crimes e violências terríveis correndo as caatingas. Bastava um comandante de volante suspeitar de que determinado fazendeiro havia dado pousada a Lampião para que o infeliz e sua família sofressem a explosão de todos os ódios incontidos. O próprio gado não escapava. Havia caso em que nem suspeita existia. Uma simples questão, uma intriga qualquer tornavam os comandan-

tes inimigos de fazendeiros ou de meros rancheiros. Era o bastante para acusa-los de coiteiros e a desgraça estava feita.

Vida difícil a do homem do sertão na época do cangaço. Se negasse um favor a Lampião, seriam vítima da cólera dos cangaceiros. Se atendesse a Lampião, sofria nas garras afiadas do pessoal das volantes.

COMANDANTE DE FERAS

Os integrantes das volantes, em sua maioria, já não eram boas coisas. Optato, mesmo, que se orgulha de nunca ter maltratado um coiteiro ou praticado qualquer outra violência, diz no seu livro *Lampião*, que foi comandante de verdadeiras feras, tal o teperamento de muitos dos seus soldados, e esclarece:

– Tínhamos o direito, às vezes de alistar civis sertanejos que, depois, apesar de serem efetivados como soldados, nada conheciam de disciplina, nem qualquer outra instrução a não ser o manejo do fuzil para atirar. A minha disciplina revelava-se na ordem direta da mentalidade de muitos deles. Quando brigavam um com outro e apontavam as armas para se matarem, eu punha a bala na agulha e dizia:

– O que ficar vivo, é “meu”.

Assim decidi muitos barulhos.

Houve a história de um, que violou uma jovem e Optato entregou a Justiça, e de outro que morreu numa luta. A história dessa briga, o major conta da seguinte maneira:

– Ele tentou assassinar um companheiro dando-lhe um tiro, mas errou o alvo, e, com a minha aproximação, fui recebido pelo agressor da mesma forma, travando então uma lutar corpo a corpo, que findou por um tiro que partiu por entre meu braço direito e o corpo, vindo atingir em cheio o peito do meu antagonista, que teve poucas horas de vida.

Não deixa de ser curiosa a maneira de contar do major, sem esclarecer ao certo quem disparou esse tiro misterioso “que partiu por entre o seu braço direito e o corpo”, e foi atingir o soldado.

Mas Optato se previne e explica o seu comportamento nas caatingas:

– Nunca dei pancada em ninguém. Que me desmintam os sertanejos se não falo a verdade. Se me dessem notícias dos bandidos, agradecia; se ocultavam, eu não ligava a menor importância. E dessa maneira, procedi até o fim.

DA MESMA “MASSA” E ENCARNADURA

O major Optato confessa que os homens das volantes eram da “mesma massa” e encarnadura dos cangaceiros, em quase todos os pontos de vista. Só não era o mesmo bandido “porque não se consentia que matassem e furtassem, mas o desejo de fazer tudo isso alguns deles tinham.

Acreditamos que Optato não consentia, mas tudo nos leva a crer que outros consentiam, pois ainda hoje há tristes notícias nas conversas do sertão sobre os excessos que algumas volantes praticaram.

COMO NASCEU O APELIDO DE LAMPIÃO

Com a retirada definitiva de Sebastião Pereira para Goiás e conseqüente abandono da vida de cangaço, Lampião assumiu a terrível liderança. Antonio Quelé, Né

Pereira, Casemiro Honório e outros chefes de bandos já haviam perdido o predomínio. Fácil foi a Lampião reorganizar os remanescentes, ampliar os quadros e ditar ordens e leis nos sertões pela boca do seu "papo amarelo". Já era conhecido como Lampião, apelido que lhe botaram nos seus primeiros tempos de investidas como cangaceiro, num combate que sustentou no território cearense. Na conversa que teve com Optato, em casa da velha Sinhá, Lampião conta assim a origem da sua alcunha famosa:

– Isto foi no Ceará. Houve lá uns tiros. Tempo de inverno, as noites são muito escuras. Um cabra deixou cair um cigarro e, como não o achasse, eu disse: quando eu disparar, no clarão do tiro, procure o cigarro, e assim foi. Quando eu disparava o rifle, dizia "acende, lampião!" E desse dia em diante, fiquei Lampião.

UM GRUPO TEMÍVEL

Ele assumiu as rédeas do cangaço com um grupo temível. Todos os seus irmãos, como feras indomáveis: Antonio, Levino e Ezequiel. A esses juntaram-se entre outros, o negro Sexta-feira, de uma valentia espantosa; Colchete, que viria a morrer, com o primeiro Jararaca, no audacioso combate de Mossoró; Azulão o negro; Beija-flor I (o outro Beija-flor, que posteriormente integrou o bando é, atualmente, investigador de polícia); Vicente Marinho, também preto; Jurema, que foi "corneteiro" da volante de Optato; Fogueira, um cabra de cabelo vermelho encarapinhado, que sabia ler muito bem; Vereda, morto em combate com Optato; Lavandeira e Cícero Costa, eliminados por Teófanés Torres Ferraz, oficial de Polícia pernambucano.

Esses foram, de um modo geral, os primeiros comandados de Lampião quando ele rebentou nas caatingas com a violência de um ciclone.

CANGAÇO E CANGACEIROS (IV)

DIZENDO-SE FAZENDEIRO, LAMPIÃO OPERA O OLHO VAZADO

UM ASSALTO À RESIDÊNCIA DE UM TITULAR DO IMPÉRIO PROJETA O SEU NOME NO CARTAZ – JOÃO NUNES E “NEGRO HIGINO” EM AÇÃO NAS CAATINGAS

FUZILAMENTO E ASSALTOS TAMBÉM PRATICAVAM ALGUMAS FORÇAS VOLANTES – UMA VILA INCENDIADA NO SERTÃO DE PERNAMBUCO – “A ALIANÇA DE GONZAGA CUSTOU UM CONTO DE RÉIS E LAMPIÃO BOTOU NO DEDO SEM GASTAR NEM UM DERRÉIS”

As façanhas de Lampião começaram a ocupar lugar de destaque no noticiário da imprensa a partir de 1922, quando ele, à frente dos seus cabras, invadiu Água Branca, no estado de Alagoas, e assaltou a residência da baronesa de Água Branca, titular do Império, levando muitas joias e dinheiro. A posição social da vítima e a audácia do saque repercutiram em todo o país, fazendo com que os governos dos estados nordestinos coitassem de organizar maior perseguição aos bandoleiros.

Nesse tempo, Virgulino já havia ingressado definitivamente na vida de banditismo e era o terror absoluto dos sertões. Sebastião Pereira, seu compadre e mestre do cangaço, abandonara a espingarda para seguir o destino do irmão, o famoso cangaceiro Luiz Padre, retirando-se para o estado de Goiás, a fim de iniciar uma vida honesta de homem pacato. Casemiro Honório morrera um ano antes, em 1921, e apenas o grupo de Clementino Quelé, que aliás não era um cangaceiro na verdadeira expressão do termo, andava pelas caatingas, assim mesmo com o objetivo de eliminar Lampião, de quem era inimigo irreconciliável.

Sebastião Pereira abandonou o cangaço depois de um fogo que sustentou, na fazenda Abóboras, com a volante do capitão José Caetano, da Força Pública de Pernambuco, o mais antigo perseguidor de cangaceiros nos sertões do Nordeste. Este era um homem frio e de coração duro. Ainda como simples soldado sangrou nove cabras, depois de fazê-los prisioneiros.

Clementino Quelé, num encontro com o grupo de Lampião, perdeu dois irmãos e alguns cabras, retirando-se, em seguida, das guerrilhas sertanejas. Ficou Virgulino, sozinho, transformado em “Rei do Cangaço”, para enfrentar os seus velhos inimigos, quase todos constituindo o efetivo das volantes que o perseguiram.

TÃO CRUÉIS QUANTO OS BANDOLEIROS

No decorrer dessas reportagens, temos acentuado a identidade de ações e de temperamento entre os cangaceiros e seus perseguidores, comandantes e comandados das volantes. Nem no trajar, havia diferença entre eles. Se existiam homens honestos e disciplinados, como o major Optato Gueiros, que nunca cometeu arbitrariedades e crimes, limitando a sua atuação ao combate direto aos bandoleiros, havia os que se destacam pela crueldade e pelos excessos, os mais condenáveis, a título de dar caça a Lampião. O coronel João Nunes, por exemplo, se destacou pelas mortes e pelas surras que deu e que mandou dar, nas caatingas, constituindo-se, para os sertanejos, num terror igual ou maior que o próprio Lampião. Certa vez, sem se saber até hoje o motivo certo, coronel João Nunes incendiou com sua tropa a vila de São Francisco, na região do Pajeú, deixando ao relento os que escaparam à sua fúria destruidora.

Muitos outros oficiais carregam essa triste fama de "bandidos fardados". É o caso do coronel Higino, da Polícia de Pernambuco, hoje comandando um batalhão sediado no Recife. Esse nós conhecemos bem. Muitos sertanejos ainda agora tremem só em ouvir falar no seu nome. Nunca deixou um prisioneiro vivo, fosse cangaceiro, coiteiro ou um simples sertanejo, que caísse na sua antipatia ou na dos seus amigos. É conhecido por "Negro Higino", tendo também a alcunha de "Catarina". Toca viola e harmônica de oito baixos, instrumentos que também Lampião manejava com habilidade. É um preto de altura regular, gordo como uma pança e quase analfabeto, mal assina o nome. Mas, no som, da viola, "tira" versos de improviso, como também fazia Lampião, bebe cachaça, única coisa em que difere de Virgulino, que não gostava de bebidas alcoólicas, ingerindo apenas "gasosas", o que fazia com sofreguidão de uma criança.

O "negro Higino" matou e mandou matar muita gente no sertão. Invadiu fazendas, deu muita surra em sertanejo. É impetuoso como todo cangaceiro e perverso como uma cobra jararaca. Na revolução de 1935, ele estava no Recife e deu combate aos revolucionários. Após a derrota da revolução, um contingente revoltoso teve a ingenuidade de entregar-se a Higino. Todos foram friamente fuzilados nas pedreiras próximas à cidade de Jaboatão.

COMBATER O MAL COM O PRÓPRIO MAL

Eram homens desse tipo os responsáveis pela perseguição aos cangaceiros. Aplicava-se exatamente o velho princípio de combater o mal com o próprio mal. Os mistérios e táticas do banditismo lhes eram familiares e, até certo ponto, comandantes de volantes e cangaceiros se entendiam muito bem. O próprio coronel João Nunes, que não perdia oportunidade para demonstrar, na teoria e na prática o seu ódio e sua vontade de exterminar o cangaço, foi certa ocasião, muito bem compreendido por Lampião. Exteriorizavam uma inimizade de morte. Tanto João Nunes como Lampião viviam divulgando o propósito de liquidar um ao outro na primeira oportunidade. Trocavam recados ameaçadores e insultantes e até modinhas surgiram no sertão, pela boca dos cantadores de feira, descrevendo os lances trágicos de uma suposta luta pessoal entre os dois ferrenhos inimigos.

Esse dia, aparentemente tão esperado, chegou; e não aconteceu nada do previsto. O coronel João Nunes estava descansando na fazenda Sueca, de sua propriedade, no município de Águas Belas, em Pernambuco, quando foi feito prisioneiro por Lampião. No "interrogatório", o cangaceiro condenou o incêndio da vila de São Francisco e ali mesmo lavrou a sentença de morte do coronel. Seria fuzilado, mas o fato é que João Nunes não morreu naquela ocasião. Foi conduzido pelo grupo de Lampião até o território baiano, nas margens do rio São Francisco, e ali obteve liberdade, regressando, a seguir, à sua fazenda, sem ter sofrido nem um arranhão.

No seu livro *Lampião – Memória de um oficial ex-comandante das Forças Volantes*, o major Optato Gueiros fala nessa história e explica que João Nunes fora solto diante da intervenção favorável de um cangaceiro, ex-soldado de polícia, amigo do coronel, junto a Lampião. Quem conhece as façanhas de Lampião, incapaz de perdoar um simples delator, que apontasse à polícia o rumo tomado pelo bando, sabe que não seria um vago apelo de um cangaceiro comum que o faria deixar em paz um dos seus maiores inimigos e perseguidores em toda a sua vida de cangaço.

ENTRE AMIGOS E INIMIGOS

Para Virgulino Ferreira da Silva os seus amigos não tinham defeitos, assim como

os seus inimigos não possuíam virtudes. Com os primeiros, era de uma lealdade canina, com os últimos, de uma crueldade feroz. Fizesse-lhe alguém um favor, mesmo indiretamente, e essa pessoa ficaria para sempre na sua amizade e dedicação. Quando o pai, o velho José Ferreira, foi morto pelo coronel José Lucena, hoje prefeito de Maceió, e a mãe faleceu, ao ter conhecimento do fato, os corpos ficariam insepultos, servindo de pasto aos urubus, se o sargento João Mauricio não fizesse o enterro, às suas próprias custas. Certo dia, Lampião entra violentamente na vila de Mariana, onde o sargento João Mauricio estava estacionado com algumas praças. Ao entrar na rua, com uma ferocidade selvagem, matou um dos soldados, mas ao encontrar o sargento levou as mãos à cabeça e, arrependido, desmanchou-se em desculpas pelo que tinha feito.

Não sabia que o sargento Mauricio era o comandante dos "macacos", e dizem até que ofereceu a vida de um cangaceiro em pagamento pela morte do militar.

A ALIANÇA DE GONZAGA

Por fidelidade a amigos, Lampião praticou muitos crimes, matou inocentes e culpados, assaltou povoados e fazendas, incendiou e saqueou. Para vingar uma surra que o seu amigo Ioiô Maroto e suas filhas levaram do tenente Monte Negro, da Polícia do Ceará, a pedido de um sujeito conhecido por Gonzaga, de quem o militar era amigo, Lampião fez uma carnificina terrível na zona do Pajeú. Nessa época, o grupo estava constituído de 75 cabras. O combate travou-se na casa de Gonzaga, que estava guarnecida de cangaceiros, tendo ainda a auxiliá-los uma força comandada pelo sargento Alencar, de Pernambuco. O fogo durou cinco horas seguidas e terminou com a morte de Gonzaga, ficando ainda baleados oito de seus homens.

Nessa empreitada, Lampião perdeu os cangaceiros Baliza e Antonio Cocheira e, ao que parece, Gonzaga não só perdeu a vida, como foi despojado de seus pertences. Ele havia casado, há pouco, e comprara uma aliança de brilhantes para a esposa. Como a joia, pela sua boniteza, originalidade e valor, obteve sucesso, Gonzaga, que era homem de dedo fino, passou a usa-la.

Depois do combate, os cangaceiros se retiraram cantando "Muié Rendeira", que agora apareceu em disco, mas com a música estropiada e a letra infamemente falsificada. Nos versos comuns da toada, Virgulino juntou um novo, assim improvisado:

*"A aliança de Gonzaga
Custou um conto de réis
Lampião botou no dedo
Sem gastar nem um derréis".*

UM ACIDENTE, LEVOU-O AO HOSPITAL

Lampião era alto, magro, mas de compleição robusta. Tinha a pele morena escura e o cabelo bom, que empastava de brilhantina. Em conversa, era alegre, contava anedotas, tirava versos de improviso na viola, cantava "cocos" na harmônica, tudo isso sem perder a energia que dominava os seus cabras. Quando tinha raiva ou se referia a um episódio desagradável ou a um inimigo, tinha o hábito de fechar o olho direito, que ficava vedado quando a exaltação aumentava. Esse olho de Lampião sofreu um acidente na caatinga, que lhe deu muito trabalho. Andando a pé com o grupo, em direção do Estado da Bahia, um garrancho atingiu-lhe o olho, vazando-o. Muito tempo, anos a fio, ele viveu assim, com aquele olho direito lacrimejando sempre, o que lhe dava muitos aborrecimentos e prejudicava a sua própria ação no gatilho, pois, de

quando em vez, era obrigado a levar o lenço ao rosto para limpar a lágrima teimosa. Um dia, porém, foi operado. Isso se verificou na cidade sergipana de Livramento [Laranjeiras - retificação feita pelo autor, no final do texto] em Sergipe. Para a ali se dirigiu, em companhia de Beija-Flor, hoje investigados de Polícia, em São Paulo, e de um outro cangaceiro, atualmente nesta capital, amigo deste repórter, cujo nome é melhor omitir para evitar-lhe maiores constrangimentos. Lampião apresentou-se na casa de saúde dizendo-se fazendeiro e ali extraiu o olho. Depois de 40 dias, teve alta. Já havia pago adiantado o trabalho do médico e a internação. Saiu de madrugada, sem ser pressentido, mas deixou escrito na parede do quarto:

“Doutor, o senhor não operou fazendeiro nenhum. O olho que o senhor arrancou foi do capitão Virgulino Ferreira da Silva”.

CANGAÇO E CANGACEIROS (V)

RASTRO DE SANGUE E FOGO NAS CAATINGAS DO NORDESTE

ALÉM DA FAMA SINISTRA, LAMPIÃO DEIXOU UM FILHO QUE ESTÁ SENDO EDUCADO PELO VIGÁRIO DE MISERICÓRDIA, NA PARAÍBA – ENCONTRO COM MARIA BONITA PROMOVIDO POR LUÍS PEDRO, SEU COMPANHEIRO E AMIGO DEDICADO, QUE MORRERIA COM ELE NO CERCO DE ANGICO

MODIFICAM-SE, COM A PRESENÇA DA MULHER, A VIDA E OS COSTUMES DO BANDO – BRIGAVA DE PARABÉLUM E TINHA TANTA CORAGEM COMO QUALQUER CANGACEIRO – POR QUE O CHEFE DOS BANDOLEIROS DEIXOU CRESCER O CABELO – A MORTE DOS IRMÃOS E O EXTERMÍNIO DO GRUPO

A perseguição tenaz e eficiente da Polícia pernambucana jogou Lampião no território da Bahia, na região nordeste do Estado, de difícil acesso, imensa e pouco habitada. Chegou à fazenda Três Barras, onde fez seu quartel general, estropiado e com o grupo reduzido a cinco ou seis cangaceiros, rotos e famintos. Entre eles estava Luís Pedro, seu compadre e amigo de uma dedicação extrema, que o acompanhou até na morte. No cerco da fazenda Angico, quando Lampião foi morto pela força alagoana, comandada pelo tenente Joao Bezerra, Luís Pedro rompeu o fogo e teve a oportunidade de fugir. Mas, quando percebeu que Lampião ficara cercado pelos “macacos”, voltou para ter o mesmo destino trágico. A sua cabeça, juntamente com a de Virgulino, Maria Bonita e outros, está hoje exposta à curiosidade pública, no Museu Nina Rodrigues, na capital baiana.

Além desse fiel e dedicado companheiro, chegaram, com Virgulino Ferreira da Silva, na fazenda Três Barras, o seu irmão Ezequiel e os cangaceiros Jurema, Azulão e Cravo Roxo. Ali o grupo refez-se, ampliou o efetivo. Os primeiros a aderirem foram Corisco e Antônio de Engrácia. Depois apareceram Zé Baiano, famoso pela sua perversidade, Volta Seca, Pilão Deitado e outros. Em pouco tempo, o grupo estava composto de mais de 100 pessoas – homens e mulheres – armado pelos próprios fazendeiros da redondeza, que preferiam os cangaceiros aos volantes, dada a fama de suas estripulias nos sertões de Alagoas e Pernambuco.

Durante a sua vida, mais ou menos folgada, no nordeste da Bahia, foi que Lampião conheceu Maria Bonita. O cangaceiro Cambaio que, com Antônio Marinheiro e José Marinho, foi posteriormente capturado pelo volante do major Optato Gueiros, contou ao oficial o encontro do “Rei do Cangaço” com a mulher amada, que com ele morreria de maneira trágica na fazenda Angico, nos sertões de Sergipe. Maria Bonita era casada com um sapateiro e residia nas proximidades da Cachoeira de Paulo Afonso, no lado baiano. Um dia Luís Pedro, dirigindo uma patrulha de reconhecimento parou na casa do sapateiro e, então, Maria, que ainda não tinha a alcunha de Bonita, disse-lhe da sua paixão por Lampião, embora não o conhecesse, e demonstrou desejo de acompanhá-lo na sua trajetória perigosa de chefe do cangaço. Ao regressar ao grupo, Luís Pedro contou ao chefe o que ouvira, destacando a beleza e a disposição de Maria. Mas cangaceiro é homem de vida incerta e arriscada. Não sabe para onde vai, quando chega ou quando volta. Nem pelas estradas, ele anda.

COM MAIS TRÊS CANGACEIROS LAMPIÃO FOI BUSCAR MARIA BONITA

O seu caminho são as caatingas brabas, enfrentando serras e serrotes, planícies e atoleiros, espinho de xique-xique e balas de inimigos. Homem assim não nasce com coração para amar. Lampião sabia disso tudo e fez ver a Luís Pedro, que insistia para que ele fosse conhecer a mulher que o desejava. Além do mais, havia a desconfiança, sentimento inato no cangaceiro, alimentando a recusa de Lampião. Mas Luís Pedro tanto insistiu, tanto rogou, tanto exaltou a boniteza de Maria, que Lampião não resistiu.

– Vamos lá olhar essa pava, disse certa vez.

E foram. Ele, Luís Pedro, Corisco e Jurema, cabras de sua absoluta confiança. Diante da mulher, Lampião amoleceu e, ali mesmo, entregou o coração de cangaceiro. Maria municiou-se de dois bornais, onde colocou as roupas, deu o braço a Lampião e, virando-se para o marido, que a tudo assistia impassível, despediu-se com a maior naturalidade deste mundo:

– Adeus, Zé!

MODIFICOU A VIDA DO BANDO

Com a presença de Maria Bonita, alcunha que lhe botou o próprio Lampião, vencido pelo seu fascínio, a vida do bando se modificou. Cangaceiro briga chamando nomes feios e imitando urros de animais e a mesma coisa fazem os soldados das volantes, que são água do mesmo pote. Mas, depois que apareceu Maria Bonita, apenas os urros eram permitidos entre os cabras e ai daqueles que ousasse pronunciar uma palavra menos limpa em presença da mulher que passou a exercer tremenda influência sobre as atitudes de Lampião. Ela cuidava dos feridos, preparava alimentação do pessoal e também participava dos combates. Durante os encontros com a polícia, lutava calada, cumprindo ordens de Lampião, a fim de evitar que os soldados, ouvindo a sua voz respondessem com nomes impróprio.

Teve um filho e o parteiro foi o próprio Lampião, que no grupo, além de chefe, era médico e enfermeiro, demonstrando habilidade para esses misteres. Aliás, não foi o de seu filho o primeiro parto por ele assistido. Conta o major Optato Gueiros, no seu livro *Lampião*, que Virgulino Ferreira da Silva assistiu à *délivrance* de várias mulheres de cangaceiros, socorrendo todas com absoluto sucesso”.

BELEZA E VALENTIA

À beleza, Maria aliava a bravura. A fama de sua coragem corre sertão. As próprias volantes reconhecem este fato e o major Optado, no livro já citado, o proclama com sinceridade, como a nós o fizeram antes muitos outros comandantes e soldados de volantes, cangaceiros “mansos”, sertanejos e ex-cabras de Lampião, que conosco conversaram sobre o assunto. Muitos desses caras conhecemos nas prisões do Recife e de Maceió, onde como presos tinham comportamento exemplar. Outros estão em liberdade e alguns nem sequer foram incomodados e, hoje, se encontram readaptados à sociedade, vivendo vida honesta e laboriosa. Temos um amigo, aqui no Rio, exercendo um emprego de responsabilidade, que passou mais de dois anos no grupo de Lampião e testemunhou a ação de Maria Bonita em vários combates. Num deles, aliás descrito no livro de Optato Gueiros, ela saiu gravemente ferida e Lampião, vendo a mulher baleada, abandonou precipitadamente a luta, levando-a nos braços, entre lágrimas.

COMO SE VERIFICOU O COMBATE

Esse combate travou-se no ano de 1936, na vila de Serrinha, a cinco léguas de Garanhuns, no estado de Pernambuco. Lampião atacou a vila e foi recebido à bala pelo comissário Antônio Cacheado e os soldados do destacamento local. Lampião vinha de Sergipe, onde, havia tempos, estava descansando numa fazenda de um dos coiteiros. Deu-lhe na veneta "visitar" Pernambuco e quase perdia a mulher em Serrinha. Na sua retirada, com Maria Bonita ferida, saíram-lhe no encalço as forças comandadas pelo tenente Manuel Neto e capitão Miguel Calmon, ambos da polícia pernambucana, mas Lampião conseguiu escapar. A certa altura, mandou os cabras descalçarem as alpercatas e todos, em seguida, saíram a pisar por cima das pedras, a fim de não deixar rastros visíveis aos perseguidores. Voltaram novamente, por dentro do mato, na direção de Serrinha. Pararam, em determinado porto, para observar a movimentação da tropa em sua perseguição. Os soldados seguiram até onde existiam as marcas das alpercatas e ali perderam o rumo do grupo, regressando pela estrada ao ponto de partida. Virgulino, então, retrocedeu com os cabras na direção de Buíque e, nas proximidades de Guaribas, tratou da sua amada. Depois, fez um círculo em torno do município de Buíque e voltou a Sergipe, sem ser visto pela polícia.

A MORTE DOS IRMÃOS

No cangaço, essas ocorrências de ferimento e morte são simples incidentes de rotina. Mas o fato é que Lampião, cedo, foi duramente castigado. Ele mesmo, sete vezes fora ferido pela polícia pernambucana e seus irmãos perderam a vida antes e muitos dos seus cabras. O primeiro foi Levino que, como os demais, acompanhava o irmão desde a sua iniciação no cangaço. No lugar Tenório, na zona do Pajeú, o grupo encontrou-se com uma volante da Paraíba tendo como comandante o tenente Oliveira e sub-comandante o sargento José Guedes. A tropa já estava destroçada, com o comandante ferido, vindo a falecer depois, quando apareceu uma volante de Pernambuco, tendo à frente o capitão José Caetano, o então tenente Higino, conhecido também pelas alcunhas de "Negro Higino" e "Catarina", e os sargentos Manuel Neto e Alípio Pereira de Souza, o primeiro já falecido, o segundo hoje coronel e os dois últimos tenentes-coronéis da força pública. Houve grandes baixas de ambos os lados e Lampião retirou-se deixando morto o seu irmão Levino.

Dias depois, foi o grupo cercado, em Alagoa, pelas tropas dos tenentes João Gomes, de Pernambuco e Francisco de Oliveira e Adauto da Paraíba. Lampião rompeu o cerco, após matar os oficiais paraibanos, saindo feridos alguns soldados e cangaceiros.

O DIA DE ANTÔNIO FERREIRA

Antônio Ferreira era o irmão mais velho de Lampião e o que ele mais queria. No meio do cangaço, conforme acentuamos em outra reportagem, foi ele o chefe do grupo. Tendo Lampião demonstrado maiores qualidades de comando, passou-lhe a chefia, conformando-se com a condição de subalterno. Em 1926, Antônio Ferreira foi morto num encontro com a polícia pernambucana, perto de Vila Bela, hoje Serra Talhada, terra natal da família Ferreira, de Agamenon Magalhães e do padre Olímpio de Melo. Comandava a tropa o major Teófanos Torres, o mesmo que prendeu o famoso cangaceiro do passado, [Antonio Silvino] depois de feri-lo em combate, numa fazenda perto da vila de Frei Miguelinho município de vertentes de Taquaritinga, estado de Pernambuco, onde este repórter, numa das fases más da vida, foi promotor de justi-

ça, para desconto dos seus grandes e pequenos pecados.

Da tropa de Teófanês, que liquidou Antônio Ferreira, faziam parte, entre outros, Negro Higino, Manuel Neto e Arlindo Rocha. A força composta de 300 soldados, brigou a noite toda e teve dez mortos e mais de 30 feridos, segundo reza a história. Manuel Neto ficou com ambas as pernas quebradas e Arlindo Rocha com um ferimento no queixo. Lampião, além do irmão de sua alma, perdeu outros cangaceiros. Antônio Ferreira foi enterrado no lugar Poço do ferro, onde Optato exumou o corpo para fazer a identificação.

Dizem que a morte de Antônio Ferreira foi a dor maior que Lampião sentiu em toda a vida. Desse dia em diante, deixou crescer o cabelo, usando-o curto sobre o cangote, como é modo atual entre as damas de elegância falsificada.

A VEZ DE EZEQUIEL

Ezequiel, o irmão mais moço de Virgulino, foi o último a morrer, num encontro com a força do tenente Arsênio. Rompendo o fogo, Lampião conduziu nos braços o irmão ferido até a fazenda de um dos seus "coiteiros". Vendo que ele não escapa, o próprio Lampião sacou do revólver e deu-lhe um tiro na cabeça "para evitar mais sofrimento".

Virando-se para os cabras, disse que, quando deixasse um combate em estado semelhante, fizessem o mesmo com ele.

Conta o major Optato Gueiros que Lampião costumava dizer "havendo esperanças de restabelecimento, devemos nos esforçar até botar um palmo de língua de fora para salvar o doente. Mas quando não existir nenhuma possibilidade de restabelecimento, o remédio é ir logo para o inferno, para onde nós todos temos de ir, uns mais cedo outros mais tarde."

NO INFERNO

Lampião foi para o inferno, juntar-se aos irmãos, alguns anos depois. Ele se encontrava com o grupo arranchado na fazenda Angico, em Sergipe, de propriedade de um dos seus "coiteiros". Muita gente conta que foi denunciado ao tenente João Bezerra, comandante de uma volante da força pública de Alagoas, por um dos seus amigos e protetores, o pai do Sr. Eronides de Carvalho, então interventor federal em Sergipe. Há outra versão de um soldado de João Bezerra conseguiu se infiltrar no grupo como "quinta-coluna" e teria sido ele o autor da denúncia sobre o esconderijo dos cabras. O fato, porém, é que Lampião e seus companheiros, inclusive a bela Maria, morreram em circunstâncias trágicas, sendo os cadáveres perversamente mutilados, depois de despojados de dinheiro e joias. No livro que publicou sobre a façanha, o tenente João Bezerra procura, a seu modo, dar um caráter de heroísmo à carnificina que fez. Mas, no sertão, todo mundo sabe que Lampião foi pegado de surpresa. Angico era, na época, o esconderijo que mais segurança lhe oferecia. Dada essa segurança toda, jamais passou pela cabeça de Virgulino a ideia de um ataque. Ali era que se refazia das marchas extenuantes através das caatingas. Em Angico, ele reconstituía o grupo, curava os doentes, traçava planos de assalto. Isso fez durante anos e anos, sem ser incomodado.

De repente, aparece João Bezerra à frente dos seus soldados, disparando metralhadoras. Não houve tempo para menor reação. Antes de qualquer tentativa de defesa, Lampião e muitos dos seus homens estavam mortos. Os que se encontravam a alguns metros de distância, em cima de um serrote, tiveram oportunidade de escapar. Corisco, por exemplo, fugiu com dois ou três cangaceiros de menor vulto. Tentou

empunhar o cetro de Lampião, mas pouco tempo depois foi morto. Entretanto, há quem desminta essa versão. Na cidade de Tucano, no sertão da Bahia, ouvimos, há pouco tempo, que Corisco havia entrado em "acordo" com a polícia, retirando-se em paz para o Estado de Mato Grosso, onde hoje leva vida normal.

OS TROFÉUS

João Bezerra levou para Maceió, como troféus, as cabeças de Lampião, Maria Bonita, Luís Pedro e de outros infelizes. Foram exibidos em festa naquela capital, depois em Salvador e em outras cidades. Essa exibição macabra e impiedosa atingiu o objetivo desejado. Serviu para desviar a curiosidade pública do destino que deram às valiosas joias e à grande quantidade de dinheiro que Lampião e seus cabras costumavam carregar. Este repórter chegou a ver três anéis de brilhantes tomados na chacina da Fazenda Angicos. Estavam nos dedos de um ex-soldado da volante de João Bezerra, certa vez nosso companheiro de viagem num trem da Great-western, entre Recife e Maceió.

Com o desbaratamento do bando, acabou no sertão o cangaço na sua forma de guerrilhas. Mas há ainda os chamados "cangaceiros mansos", aqueles que não andam em bandos de assalto. São cabras da confiança de fazendeiros e ricos, que constituem a sua guarda de segurança. Matam quando são mandados pelo "coronel" a que estão assalariados e servem também para intimidar os pequenos fazendeiros e o povo em geral.

Lampião morreu em 1938, com menos de 40 anos de idade, pois nasceu em meados de 1900. Deixou uma fama sinistra, um rastro de sangue e fogo pelas caatingas, além de um filho, aos cuidados do cônego Manuel Firmino, vigário de Misericórdia, na Paraíba, a quem o próprio Lampião confiou a sua criação. O padre educa o menino num colégio, em João Pessoa, e, segundo afirma o Dr. Francisco Gomes, conterrâneo do vigário, o garoto é de boa índole e aplicado aos estudos. Assim encerramos esta série de reportagens, que foram apenas um ligeiro relato da vida do mais temível e perigoso cangaceiro dos sertões nordestinos. Focalizamos alguns fatos superficialmente e omitimos muitos outros episódios do nosso conhecimento, atendendo as exigências da técnica de reportagem e os limites do espaço, que não permitem maior desenvolvimento sobre a matéria.

Diário de Notícias (RJ) – 19, 24 e 26 de abril e 3 e 10 de maio de 1953